Coleção Palavra de Educador (a)

Carlos Alexandre Nascimento Aragão

Entrelaçados

Carlos Alexandre Nascimento Aragão

Entrelaçados

Editora
SEDUC

GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
Belivaldo Chagas Silva

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE
Eliane Aquino Custódio

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA
Josué Modesto dos Passos Subrinho

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO
José Ricardo de Santana

SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE
Mariana Dantas Mendonça Gois

Coordenador do Programa Editorial da SEDUC
Sidiney Menezes Gerônimo

Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC: Jonas José de Matos Neto

Membros do Conselho Editorial:
Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

Entrelaçados

Capa: Rayane Farias
Diagramação: Rayane Farias
Revisão Ortográfica: Everton Santos

Editora SEDUC – 2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Aragão, Carlos Alexandre Nascimento

A659e Entrelaçados / Carlos Alexandre Nascimento Aragão. – Aracaju: Editora SEDUC, 2021.
58 f. – (Coleção Palavra de Educador (a))

ISBN 78-65-5371-005-4

1. Crônica Sergipana. I. Aragão, Carlos Alexandre Nascimento II. Título.

CDU: 82-94(813.7)

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA
SERGIPE GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC
Rua Gutemberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

O Programa Editorial da SEDUC

O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022),** cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

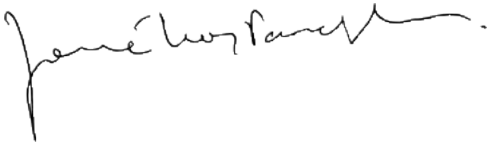
A magia de escrever e desenhar é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção Estudante escritor(a) cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação - SEMEDs.

Histórias de Sergipe é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da**

inclusão abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.



Josué Modesto dos Passos Subrinho

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

Dedicatória

Dedico esta obra aos meus familiares (pai, mãe, irmãos, irmãs, sobrinho, sobrinha, avós, tios, tias, primos, primas), professores(as), amigos(as), alunos(as), ex-alunos(as), monte-alegrenses, aquidabãenses e segredenses, por colaborarem com a minha construção de sujeito social e profissional.

Prefácio

A magia da crônica é inegável. Com seu modo simples de ser e seus testemunhos de vida, ela chega direto a nosso coração, porque revela o humano que nos modela e as experiências que ora parecem ter sido extraídas de nossas próprias vidas ora se revelam como caminhos possíveis sobre os quais não havíamos pensado. Lembro-me de ser ainda jovem quando li, por exemplo, "a mulher madura", de Affonso Romano de Sant'Anna. Naquele momento, eu não me incluiria, ainda, entre as destinatárias do texto e, no entanto, como me vi, como mulher, contemplada pela delicadeza das imagens!

Quem não se emocionou lendo "A última crônica", de Fernando Sabino? É impossível lê-la e conseguir conter a sensação de transbordamento que se sente quando a beleza se exibe plena diante de nossos olhos. Como não enxergar a (triste) atualidade da crônica "Eu tomo conta do mundo", de Clarice Lispector? Ali nos vemos, todos e todas nós, "entrelaçados" e "entrelaçadas" com as urgências de uma vida que nos pede que não tenhamos olhos atentos para os signos que pedem para serem observados com sensibilidade, porque, afinal, é preciso "batalhar pelo sustento material". Aí vem Clarice e nos dá uma lição de sabedoria. Basta ler com a emoção.

Pois bem, destacada a magia da crônica, eis que me declaro orgulhosa de escrever, aqui, sobre o primeiro livro de crônica de Carlos Alexandre, amigo que virou irmão, companheiro de tantos projetos, entre eles, o "Jovens cronistas do sertão", que nos permitiu, ao lado de amados estudantes do então Colégio Estadual 28 de Janeiro, de Monte

Alegre de Sergipe, descobrir como a crônica poderia dar conta das linguagens do sertão. O que vivemos inscreveu-se definitivamente na carne da memória.

Nada mais vivo, portanto, que as crônicas de alguém que literalmente mergulhou nas tramas da crônica. Neste livro, Carlos Alexandre reúne, em 18 crônicas, os fios de um cotidiano que, entrelaçados, compõem o tecido híbrido e colorido que caracteriza um ser humano que, ao mesmo tempo, é educador, pesquisador, gestor cultural e, acima de tudo, amigo das gentes, no plural mesmo, porque ele é alguém que sabe se relacionar com as diferenças, valorizando-as como tesouros que lhe dão a oportunidade de enriquecer cada vez mais sua visão de mundo. Ao percorrermos suas crônicas, teremos encontros cheios da magia da crônica. Descobriremos as personagens encantadoras da Feira de Glória; as "Roses", que, como na crônica de Clarice, são signos que se ofertam à nossa sensibilidade; a canção viva da infância; a sabedoria do encontro com a velhice; a celebração do duplo elo que metaforiza as amizades que são capazes de fundir infinitamente histórias de afeto; o momento em que o nocaute parece vencer as batalhas heroicas; o poder simbólico e paradoxal da água, que ora é nascimento ora é morte; a mescla entre Sergipe e Havana trazida da memória de uma viagem inesquecível; a grandeza de Dona Zefa da Guia; as faces reveladoras dos/das estudantes que integram o existir desse cronista; a reflexão sobre as estradas criadas e percorridas por quem elege o magistério como forma de estar no mundo; a incapacidade humana, cada vez mais evidente, de atuar fora dos domínios do próprio umbigo e, como contraponto, o apelo à valorização de um "nós" que se permita plural, mas também espelho; o poder encantatório e transformador da arte; até chegarmos ao "Pedro de Lili", que, por meio do texto de CarlosAlexandre, se eterniza também

para as pessoas que não tiveram acesso a sua longa história de vida.

Nesse ritmo de fios de cores e temperaturas distintas, mas extremamente carregadas do humano, Entrelaçados faz de nós, leitores e leitoras, também fios, e passamos a compor, com os textos, o tecido criado pela magia da crônica. Orgulhosa deste primeiro livro de crônicas de meu parceiro de tantas histórias, deixo aqui minha recomendação à leitura e também minha gratidão a Carlos Alexandre por ter decidido transformar em livro o que ele próprio já havia escrito nas linhas de um viver inegavelmente voltado para a compreensão do cotidiano. Parabéns, querido!

Christina Ramalho

Apresentação

Alguns cronistas lançam seu olhar sobre o cotidiano e extraem dele o inesperado, provocando-nos o espanto, o estranhamento. Estes nos arrebatam da letargia diária e nos fazem ver com o encantamento dos olhos infantis aquilo que nossas lentes adultas viciadas já nos tinham ocultado. Outros, no entanto, conduzem nossa vista para as banalidades cotidianas de uma maneira tal que nos reconectam com a essência da vida e das pessoas à nossa volta. Estes nos entrelaçam com às pequenas urgências da existência que pedem nossa atenção. Carlos Alexandre se filia a essa segunda classe de cronistas tão necessária, sobretudo em tempos difíceis como os de agora, quando é urgente humanizar-se e reforçar laços, para significarmos a própria jornada.

O olhar de Carlos Alexandre capta tudo em seu entorno. Revela-nos desde a cumplicidade de um casal de feirantes em Nossa Senhora da Glória, numa atmosfera que nos conduz a um mergulho nesse ambiente peculiar, à reflexão sobre o machismo estrutural, a partir do conflito vivido por uma mulher que alimenta o insistente sentimento de esperança no amor, apesar da indiferença e frieza do marido.

O autor entrelaça as vivências do seu entorno à sua própria experiência para tecer sua escrita. Assim, revisita a infância pelo aroma do barro molhado reconstruindo costumes e sensações da paisagem interiorana com suas texturas e sabores, ao mesmo tempo em que questiona a infância roubada a muitos brasileiros pela desigualdade. Reflete sobre a velhice e destaca a necessidade da autoaceitação e a importância de olhar para o outro, reconhecendo as etapas da vida e seus ensi-

namentos. Considera o valor incalculável da amizade, laço impossível de se desentrelaçar quando verdadeiro. Elo permanente, que inspira e fortalece.

Seu olhar também nos aproxima de duras realidades. As frustrações do professor no Brasil, nocauteado pelas adversidades vindas de uma sociedade que não compreendeu ser a educação um bem fundamental e não reconhece a saga diária desses heróis anônimos. Entrelaçada a essa realidade tão bem conhecida pelo autor, acompanhamos a trajetória de um jovem que, pelo trágico e pela dor, descobre não ser um herói e reconhece seus limites no alvorecer da existência. Mas também somos convidados a refletir sobre a necessidade de dar aos jovens as oportunidades para que se desenvolvam plenamente.

Experimentamos por meio de suas crônicas companheirismo, poesia e força. Vemos a cumplicidade de um relato de viagem, na qual a descoberta de Cuba remete ao reencontro com a amizade e à identidade sergipana. Somos tocados pela visão poética e comovente da chuva caindo no sertão, como um milagre de vida, renovação e esperança. Contemplamos a mulher sertaneja na figura de uma parteira e uma professora, cada uma a seu modo dando à luz: uma facilitando a entrada da nova vida no mundo; outra permitindo que o conhecimento renove e transforme a realidade.

Seu ponto de vista, sempre generoso e amigo, divide conosco essas fotografias cotidianas de pessoas, lugares e eventos captadas por um humanista que elegeu a educação e a cultura como bandeiras de luta e nos presenteia com sua primeira publicação individual de crônicas.

Que a leitura deste livro possa nos provocar reflexões para enfrentarmos o egoísmo humano, para que possamos, entrelaçados com seu

autor, pintar a promissora tela do amanhã e que as cores desse porvir surjam de nossos laços humanos, demasiadamente humanos.

Boa leitura.

Jorge Henrique Vieira Santos
Professor e poeta

ÍNDICE

A Festa do Sertão Sergipano 13
Amor e Esperança: dois sentimentos inseparáveis 16
Cheia de vida 19
Essa mudança 22
O elo entrelaçado 25
O nocaute do herói 27
Respeitar a majestade 30
Sergicubanos 33
Ser tão puro 36
Um belo ser.....38
Viva os nossos estudantes!.....41
PROFESSOR: respeito e valor 43
Egoísmo cortante 46
Tela do amanhã 49
A pluralidade da existência 51
Arte: um campo de esperança 54
Homem-vida 57
Alegria Monte-Alegrense 60

A Festa do Sertão Sergipano

“Chega pra cá, dona de Casa!”, “Cheguem pra cá, senhor e senhora!” É esse o tom que embala a manhã de cada sábado no Alto Sertão sergipano. O casal Dona Lucíola e Seu Adolfo levanta cedo diariamente para cuidar dos afazeres domésticos e da roça, porém, no sábado, o objetivo é outro.

O sol, ao despontar no horizonte, já mostra um brilho especial que embalará o dia do casal. As vacas, em torno da casa, comungam da mesma energia, soltando berros musicais. O leite é tirado. As galinhas são alimentadas. Os bezerros, soltos no pasto. O cheiro do café se mistura com o do cuscuz, perfumando o lar. Barriga cheia! É hora de os eternos namorados irem à cidade. Ao descerem do carro, vários sons ecoam, mas nenhum deles os incomoda, pois aquele é o momento mágico da semana.

Vão adentrando a festa, e os amigos os cumprimentam. A alegria estampa as faces deles. Continuam a caminhar, mas é a hora em que cada um se separa devido aos diferentes afazeres. Ele vai verificar o preço do boi vivo e morto. Ela precisa comprar verduras, frutas, cereais etc.

O shopping é grande e cheio de diversidades de produtos. O homem continua a chamar os clientes, “Chega pra cá!”, e muitos atendem ao chamado. O preço nesse espaço pode baixar, depende da lábia do freguês, e isso não faltava à Dona Lucíola. Desde pequena acompanhava os pais na feira. Aprendeu a andar por todos os labirintos formados por botecos e compreendeu que é preciso ser esperto nesse turbilhão de vozes e de interesses distintos.

Ouvia todos falarem sobre a famosa feira de Nossa Senhora da Glória. Foi crescendo e observando cada comportamento dos sujeitos envolvidos. Essa é a feira mais visitada de todo o estado de Sergipe por-

que tem uma diversidade de produtos, preços que oscilam e um povo acolhedor que acaba cativando o visitante e os comerciantes que vêm de outros lugares.

O balde e a sacola, que antes estavam vazios, agora sobressaem com a variedade de produtos comprados pelos protagonistas desta história. A buzina avisa que é hora de voltar ao recanto para mais uma semana de trabalho. A esperança de no próximo sábado retornar à efervescência os acompanha.

Dona Lucíola e Seu Adolfo são glorienses da gema e ficam contentes com o crescimento desse shopping center ao ar livre. Nem o shopping moderno conseguiu descentralizar/descaracterizar a tradicional Feira de Glória.

Amor e Esperança: dois sentimentos inseparáveis

O dia surge com o raiar do sol. Logo vem a esperança de cada ser humano: alguns agradecem por terem conseguido visualizar o brilho de mais um amanhecer, outros lamentam por ainda viverem. O fato é: nunca estaremos compartilhando da mesma energia astral.

Não sei o motivo de isso acontecer, mas sei que aquela mulher, residindo no mais longínquo lugar, Dona Rose, sempre traz consigo a esperança de o dia de hoje ser muito melhor que o de ontem. Onde ela busca essa energia? Por que ela nunca está do lado contrário?

Acredito que deve haver algum mistério rondando a vida dessa jovem mulher, o que será? Diante dessa interrogação, comecei a observar essa criatura com mais frequência e aproximação. Assim, fui descobrindo que cada ser humano busca acreditar em uma esperança capaz de se tornar real ou não, mas mesmo assim não desacredita do amanhã.

A senhora – olhos claros, pele branca e cabelos pretos – traz consigo a marca de uma vida estigmatizada pela força da ideologia machista, personificada na pessoa do seu esposo, um homem de olhos e cabelos pretos, estatura mediana, pele parda e não possuidor de um físico saudável. Desde que se casou, aos 14 anos de idade, não sabe ou nunca presenciou uma palavra de afeto/carinho do seu companheiro. Como pode um ser sobreviver a tal situação?

Esse questionamento é feito, caro leitor, para que possamos pensar, mas continuo sem saber o motivo para tão honroso respeito e cuidado que a renegada atribui ao seu homem.

Quando começo a analisar, logo percebo que o comportamento da refém deve-se, uma parte, à sua criação, pois sempre foi admirada por seus irmãos e pais. A criação se reflete na construção do sujeito adulto. A outra parte está atrelada ao imaginário social perpetuado no seio da

sociedade quando as mulheres são desacompanhadas dos seus esposos. Elas se tornam vulneráveis ao famoso pensamento “separou-se para vadiar com outros homens”.

Será mesmo que as Roses existentes neste vasto mundo compartilham dessa ação? É fácil, leitor, apontarmos o indicador na direção de qualquer ser, mas é muito difícil buscarmos o real motivo de uma separação. É por isso que continuaremos a ver Roses sendo machucadas, assassinadas e em muitos casos silenciadas por não terem forças para enfrentar a voz de uma sociedade hipócrita.

Nesse sentido, a energia emanada do olhar, do sorriso e da atenção de Dona Rose advém da esperança de um dia poder ouvir do seu grande e único amor um obrigado ou até mesmo um pedido de perdão. E ela estará pronta para perdoá-lo porque o amor é o laço maisforte que os une. Ah, como é bom amar! Mas amar exige retorno, ser amado também.

Será que diante da arrogância e do machismo não deve existir um pequeno afeto? Pode não ser visível, porque homem não ama. Homem trabalha para manter a sobrevivência do clã.

É, nobre leitor, enquanto alguns demonstram o seu amor, mesmo se submetendo a situações constrangedoras, outros preferem esconder esse sentimento. Sejamos como Rose, exalando esse perfume de esperança por dias melhores, esperando a Rosa se abrir, enfeitando o dia de cada ser que busca viver, independentemente da situação, um amor viniciano.

Cheia de vida

O cheiro do barro molhado leva-me a outros lugares aonde jamais voltarei. Não porque não queira, mas por fazerem parte de um momento único da minha vida. Único? Sim!

A infância é esse momento vivido em um curto e prazeroso tempo, mas capaz de nos tornar cidadãos/cidadãs de caráter íntegro. Talvez essa não seja uma característica de todos devido às mudanças ocorridas no percurso da construção da personalidade, como afirmam algumas correntes da Psicologia.

Quanto a mim, posso afirmar que essa fase foi de fundamental importância para o sujeito que sou hoje. Sentir-me protegido e estimulado a agir concomitantemente me fez provar dos sabores e dissabores infantis. Enquanto tive a oportunidade de viver cada segundo desse momento da vida, a muitas crianças ele é ou foi negado, pois elas devem trabalhar da forma mais brusca para colaborarem com a sobrevivência de sua família. Isso é legal? Não! Porém, é real dentro do nosso país repleto de desigualdades. Viver intensamente a infância é um direito assistido por lei, e ninguém deve negligenciá-lo, negá-lo e nem tampouco tirá-lo de qualquer menor.

Os anos não trazem mais a minha infância querida, mas as lembranças levarei sempre comigo. São elas que me fazem compreender o hoje, mesmo que não aceite as dores de outrora e de agora. Nunca me esquecerei da simplicidade da casa dos meus avós maternos, lugar onde nasci e vivenciei experiências incríveis.

O mugir das vacas ao lado do curral que ficava no oitão da casa, o ralar do milho que se tornava cuscuz para o café da manhã, o cheiro da carne na frigideira que acompanhava o saboroso cuscuz, o doce de leite mais saboroso, o esconde-esconde que divertia todas as crianças,

as rodas de conversa na noite de luar, a contação de causos populares, o sabor do bolinho frito de macaxeira, a voz doce e suave dos meus avós, tudo isso jamais será esquecido.

A infância assemelha-se a uma aquarela cheia de vida capaz de encantar diversos olhares e proporcionar novas descobertas. Como é bom não a deixar morrer dentro de cada um de nós.

Essa mudança

O ponteiro do relógio não para um só instante de trabalhar, nem envelhece, pois a hora repete-se diariamente e se mantém sempre nova. Assim é o nosso espírito. Atrelado a um corpo físico que cansa, sente o passar do tempo, enruga, envelhece e morre, ele, o espírito, sobressai dessas fases com maestria e a cada dia renova a esperança do corpo que habita, mesmo que este não sinta ânimo para continuar vivendo.

A velhice para alguns humanos é o momento mais cruel da vida por trazer consigo marcas sociais que conduzem a um processo de exclusão. Tal fato ocorre devido à nossa falta de habilidade para conviver com o/a idoso/a.

Para alguns, esse sujeito é o peso que não pode chegar à balança da vida porque é um fardo carregá-lo por muitos anos, mas, em um momento, fomos carregados por ele, que não sentiu desconforto, cansaço e nem nos achou um peso. Esse comportamento deve-se ao amor dado e não cobrado porque amar é doar-se sem algo em troca.

Enquanto uma parcela da nossa sociedade tem repulsa aos/às cidadãos/ãs da terceira idade, outra busca viver até essa fase. Abreviar a vida é um ato de covardia por não querer vivê-la intensamente.

Chegar aos 80 anos é uma dádiva e um privilégio para poucos/as cidadãos/ãs. Logo, temos a obrigação de aprender a conviver com as pessoas sábias e experientes, pois são elas que alicerçam o amanhã, plantando esperanças, mostrando resistência, lutando pela vida e vivendo com dignidade.

A nós, meros mortais ignorantes, resta-nos respeitá-las da maneira mais simples e singela que a vida nos ensinou. Se ainda não aprendemos a conviver ao lado desses seres, é preciso tirarmos a lente da ignorância e fazermos o que o senhor Deus nos ensinou: “Amarmos uns

aos outros".

Talvez o que nos falte seja o verdadeiro ato de amar porque vivemos sem querer enxergar o outro através do espelho da vida e muito menos cuidar dele. Cuidemos de todos e não deixemos ninguém fora desse círculo chamado VIDA. Cada um tem sua importância, e envelhecer não nos faz pior que a criança e o jovem. Precisamos nos dar por essa mudança tão simples, tão certa, tão fácil.

O elo entrelaçado

O dia parecia ser longo. O ponteiro do relógio não tardara os passos. O sol penetrara na sala onde ele estava sentado a uma cadeira. Ao seu lado encontrava-se um amontoado de livros. À frente uma mesa cheia de papel. O único som era o ponteiramento do relógio.

Logo o silêncio foi rompido por uma voz que invadira o corredor. Era uma voz suave. Ao se dar conta do ruído, olhou em direção à sala e respondeu à pergunta com um sorriso tentador. O tempo passa, e logo deixa a sala de estudo para se aproximar do ser de voz tão encantadora. Em seu pensamento pairava o sentido de não decepcionar. O desejo de agradar se entrelaçava com o medo. Vencer este era o seu objetivo. Ergueu a cabeça, levemente levantou da cadeira percorrendo o grande corredor que interligava a sala de visitas. Lá encontrou o ser mais lindo e apoiador das suas ações. Eram anos de amizade. Alegrias e tristezas se entrecruzavam como a unha se une à cutícula. Abraçaram-se!

Entre um olhar e outro, as evidências eram expostas, o sentido da palavra era feito e desfeito. As cumplicidades eram tecidas como uma teia de aranha. Na vida o ser é capaz de construir e desfazer laços de amizade com tamanha rapidez, mas há aqueles que jamais são desfeitos. Assim era a amizade dos eternos amigos.

A diferença de idade era apenas de dois anos. Os dois formavam a personificação da antítese. O mais experiente tinha uma personalidade forte, porém frágil diante do seu amigo. O outro era mais tranquilo, contudo tinha dificuldade para tomar decisões na vida, e seu alicerce estava diante de ti. As oposições uniam os seres a cada instante. A amizade era evidenciada e apresentada a todos como algo real e possível de acontecer. Vão-se vinte e seis anos de história com a perspectiva de triplicar. Amizadiar é a lei suprema do universo.

O nocaute do herói

Início do ano letivo. A equipe diretiva prepara o Colégio para receber a todos. Os estudantes chegam ao estabelecimento de ensino com o desejo de conhecer os novos colegas, os professores e, até mesmo, reencontrar as velhas amizades. Assim começa a jornada letiva.

Antes, o condutor da aprendizagem começa a pensar no trabalho que irá desenvolver durante o ano com sua(s) turma(s), mas se depara com o desconhecimento dela(s). Logo, pensa: como serão os aprendizes? O que devo fazer para eles aprenderem? Será que todos estão no mesmo nível de aprendizagem? Esses são alguns dos questionamentos que perpassam o pensamento da maioria do professorado comprometido antes do contato com a sua turma.

Assim, ele vai fazendo o seu planejamento, sempre com uma interrogação diante do desconhecido. Então, chega o momento de o mistério ser desvendado. As aulas iniciam, e enfim conhecerá seus pupilos. Ao adentrar a sala de aula, busca visualizar o olhar de cada um dos seus aprendizes como um predador em busca de uma presa. Acalme-se! Ele não irá devorar ninguém. O intuito dessa análise é descobrir os anseios e as possibilidades que farão com que a interação entre os sujeitos seja efetivada. É um descobridor e estimulador de novos escritores, pensadores e sonhadores. Esse olhar trará energia para a jornada letiva. Ao planejar, sonhos são reavivados e compromissos são firmados.

Sabemos que, desde o surgimento da sua função social, sempre gozou de prestígio em nossa sociedade. Era tratado com respeito, responsabilidade e admiração, chegando a ser um espelho para os jovens pensarem em entrar na árdua profissão. Com o passar do tempo, tudo isso anda sendo perdido como um grão que vai caindo de uma saca ao ser levada para o depósito. Hoje ele convive com a visão social de que é um preguiçoso, ambicioso por só querer aumento salarial, ou até mes-

mo é tachado de bandido.

As pessoas esquecem que o sujeito professor precisa sobreviver e manter a suafamília. Seu salário é a todo instante surrupiado pelos administradores tanto quanto seusdireitos trabalhistas. O que deve ser feito? Ele não sabe, pois acredita na JUSTIÇA, e esta faz jus ao seu símbolo: a estátua que se faz cega diante da negação dos direitos assegurados à classe de professores do nosso retumbante Brasil.

Ele poderia recorrer aos pais dos seus estudantes, mas aqueles se encontram preocupados com novela, futebol, grupo político, religião, vida alheia... não é prudente interrompê-los porque a educação dos seus filhos pode não ser prioridade nas suas vidas.

Afinal, a quem o herói deve recorrer? Creio que ao estudante, se este realmente entendesse o significado da escola e do mestre em sua vida. Mas a jornada torna-se, a cada dia, perigosa e desestimulante porque o discípulo não o concebe mais como um deus e sim como um inimigo. Diante do olhar expresso, o nosso guerreiro é nocauteado, cai por terra, olha para todos os lados e percebe que sempre esteve só, lutando pelos seus ideais e pensando no bem-estar das dezenas de crianças e jovens que passaram/passam por suas mãos coloridas de pó de giz.

Respeitar a majestade

O lenço é tirado do bolso. Todos ficam a observar aquela cena. O jovem busca uma mão amiga, mas não a encontra. Por quê?

Acredita que a vida não foi tão suave para ele e os seus. Motivo? Desconhecido. Sabe que a caminhada terrestre lhe traz vários aprendizados desde o início. Ao nascer foi violentado pelo mau preparo do profissional que realizou o parto. Envolvido pelo cordão umbilical, quase foi asfixiado. A angústia e o desespero tomaram conta de todo o seu pequenino corpo.

Foi crescendo e observando que a vida às vezes é cruel, às vezes, boa. Aos 7 anos, teve uma forte queimadura devido à peraltice. Estava em casa com sua mãe e foi até o fogão onde se encontrava uma panela com água em ebulição. A curiosidade o fez virar todo o líquido em sua barriga. Fortes gritos brotaram do seu interior. Sua mãe desesperadamente o levou até o hospital, mas era tarde para impedir alguma sequela.

O hospital passou a ser sua casa. Foram três meses de tratamento. O corpo reagiu, porém as cicatrizes serão eternas. Aprendeu a lição. Nada de mexer com água, seja quente ou fria.

A rotina diária voltou ao ritmo natural. A adolescência chegou, e os conflitos aumentaram. Era de poucos amigos, porém tinha amizades sólidas. Na manhã de uma segunda-feira, foi com os amigos tomar banho em uma grande barragem. A turma toda animada para mergulhar nos braços daquela água escura. Ele não tinha habilidade para nadar, mas se aventurava como um modo de afirmar aos demais que tinha uma boa relação com a água. Sua ação custou um preço alto.

Ao cair nos braços do líquido escuro, suas sensações foram de um extremo ao outro: felicidade e desespero. Felicidade por conseguir estar

ali com os amigos e desespero por não saber domar o líquido escuro. Ao perceber a profundidade, não teve como voltar e ali parecia ter chegado ao fim. Repentinamente, um amigo percebeu a situação e o ajudou a sair daquela situação, mas em contrapartida não se salvou.

Todos se desesperaram. Ninguém era capaz de devolver o dom da vida ao garoto herói. Logo estavam entre dois paradoxos: o líquido essencial à vida é também responsável por tirá-la rapidamente.

É preciso conviver com essa realidade. Respeitar o limite entre o homem e a água, o essencial e o extravagante, a rainha da nossa vida.

Sergicubanos

Viajar sempre é bom e com pessoas alegres é melhor ainda. No dia 15 de fevereiro de 2019, quinze desbravadores brasileiros – professores, estudantes, sonhadores – atravessaram o oceano com destino a Cuba. Cada um trazia consigo uma imagem pré-construída dessa terra. Ao desembarcarem no Aeroporto José Martin, foram sendo surpreendidos com cada cena que se apresentava diante dos seus olhos, seja através da desconstrução da imagem, seja do fortalecimento dela.

Na verdade, Cuba conseguiu encantar a todos através do paladar, dos rastros de história, da salsa noturna, das palavras de resistência, do acolhimento humano etc. Por oito dias a alegria do povo brasileiro interagiu com a cubana. São povos que convergem diante da luta por igualdade social, mas que divergem quanto à preservação do patrimônio cultural.

A comandante da aeronave sergicubana, Christina Ramalho, ser humano incrível, organizou o grupo com o apoio do seu assessor, Ítalo Ramalho. Eles foram responsáveis pela integração de um grupo plural em terras tão plurais. Dentro dessa pluralidade, tivemos a representação de todas as regiões sergipanas.

Cada representante conseguiu interagir com muita maestria, e novos laços de amizade se enraizaram. Bastávamos olhar para os morenos Margarida e Evilásio que víamos a personificação do que chamamos amor à primeira vista. Ela com seu sorriso cativante e seu lado materno aflorado, ele com suas tiradas que não deixavam nenhum instante a tristeza chegar ao grupo.

As amigas Ginalva e Fabiana, militantes fortes, dialogavam com todos e sempre eram respeitosas.

A mãe sempre busca um modo de não ficar longe do filho, e assim

foi a ação de Ana Leal e Caio. Seres espetaculares que estiveram com todos em boa parte das andanças. Vale ressaltar a presteza de Caio com todos do grupo que até então eram desconhecidos.

Orleane preencheu o grupo com seu sorriso e seu jeito simples de ser, conquistando o carinho de cada um.

Daynara mostrou ao grupo o sentimento de luta e valorização daqueles que estiveram na linha de frente.

Lucas não abandonou suas características e com maestria fez uso constante da praticidade com o apoio incondicional de Caio.

Eliezer, mesmo sentindo falta das pessoas especiais em sua vida, conseguiu vivenciar cada instante nas terras cubanas, conquistando a atenção de Evilásio e Caio.

Mayara, a curiosa, exerceu a função de detetive e se envolveu com cada momento vivido na terra de José Martin.

Rose, nossa enferma, com sua tranquilidade cativou a todos, e eu, Carlos Alexandre, fui presenteado por conviver com todos durante esses dias.

Assim foi a passagem desses seres encantadores pelas terras de um povo alegre, trabalhador, resistente e admirador do Brasil. Vivemos uma pluralidade em momentos singulares. Retornamos com outros olhares, novas amizades, experiências únicas que nos ajudaram no crescimento humano. Vida longa às amizades construídas.

Ser tão puro

No silêncio intrínseco ao meu eu, ela aparece para reanimar minha incompreensível vida. Sempre vem cheia de energia, tornando o meu dia mais agradável. Ao penetrar no branco do algodão-doce, colorindo de cinza o horizonte, rompe as teias açucaradas e desce como uma linda bailarina. Ao tocar o solo, se quebra em minúsculas partículas que saem saltitando como uma criança ao ser agraciada com um pirulito.

Seu charme de bailarina se desfaz e inicia a corrida até o lugar onde ficará reservada por algum tempo. Pena que sua liberdade logo se transformará em um aprisionamento. Ficará por algum tempo servindo a todos, mas outros seres agirão com malvadeza.

Não pode reagir por não ter força fora dos seus limites. É útil a todos! Perigosa ao ser desafiada. Sua função a enobrece, criando laços estreitos entre o homem e a vida. Viver sem sua existência é padecer no purgatório. Tão necessária quanto o ar que respiramos. Rica em energia, suave como a brisa do mar.

Formada por dois elementos químicos que no campo filosófico se traduzem em Homem, ser pensante capaz de transformar mundos, e Oração, ação necessária à vida humana que conduz a conexão entre o homem e Deus.

O “H”, oitava letra do alfabeto, e o “O”, décima quinta letra, se energizam ao serem ligadas pelo número 2 e se tornam um só corpo: água.

Incolor, límpida, insípida, maltratada, poluída e ameaçada pelo ser que mais precisa dela. O que fazer? Não sei, pois todos sabem que é preciso cuidar, e o caminho percorrido é inverso. Talvez o fato de imaginarmos que é infinita nos posicione em um lugar de conforto que no amanhã será desconfortável.

Um belo ser

No processo de criação do mundo, Deus fez o homem à Sua semelhança, e a costela de Adão serviu de inspiração para a criação de um belo ser, que, porém, logo foi tentado pela serpente e acabou comendo o fruto proibido. A partir desse momento, teve início a estigmatização dela. Não sei se é um olhar equivocado, mas tudo nos leva a crer que era preciso puni-los pela desobediência para que servisse de exemplo.

O estigma permaneceu através dos tempos. A sociedade passou por diversas transformações, como é o caso do advento da modernidade, mas alguns pensamentos e comportamentos continuaram intactos/inalteráveis devido ao forte poder controlador da sociedade machista. O pensamento de que lugar de mulher é atrás do fogão ou cuidando do lar se perpetua até os dias atuais e é comungado por diversos sujeitos de diferentes classes sociais. Mas também há aqueles sujeitos, incluindo muitas feministas, que gritam aos quatro cantos que o seu lugar é na linha de frente. Vejo que esse lugar vem sendo ocupado ao longo do tempo, mesmo que de modo tímido, apesar das antipatias.

Ao trazer o olhar para a mulher brasileira, é possível observar diversas situações que conduzem ao protagonismo desse ser. Na atualidade, em nossa sociedade, muitas famílias são chefiadas pelo brilho e encantamento da mulher. O nosso país, apesar do golpe, tinha a figurafeminina no comando da nação, quebrando vários preconceitos e mitos. Assim, a figura feminina foi e segue ocupando espaços que outrora eram apenas dos homens.

Mas é válido ressaltar que não são todas as pérolas que chegam a tal patamar, pois ainda há algumas presas aos padrões machistas, vítimas do silenciamento, da opressão, da humilhação e sem identidade, sendo tratadas como um inseto que ainda não foi catalogado pelo biólogo.

Aqui quero destacar, em especial, a força, o trabalho, o amor, a determinação e a esperança da mulher sertaneja. Esta, diferentemente da mulher urbana, vivencia em seu dia a dia a ação desumana que o homem comete contra ela devido à ignorância e à cultura machista presentes nas terras por onde o bando de Lampião passou. Mas, mesmo com tamanhas adversidades, ainda encontramos bravas mulheres que rompem as amarras, mostrando que o seu lugar não é de submissão e tampouco de dominação e sim de igualdade.

A busca pela igualdade, por exemplo, é constante na vida de Dona Zefa da Guia, líder comunitária, parteira e cuidadora da saúde espiritual do seu povo, moradora de uma comunidade quilombola no município de Poço Redondo-SE. Além de Dona Zefa, temos a história de diversas professoras das décadas de 1960-1980 que lutaram contra tudo e todos para transformar a sua realidade e a do seu povo sertanejo, libertando-o das amarras dos coronéis, sofrendo perseguições políticas, como foi o caso de Dona Etelvina, professora do município de Monte Alegre de Sergipe-SE, que nunca deixou que o seu objetivo fosse desfocado.

A mulher precisa ser respeitada, cuidada, apreciada, admirada e amada por toda a sociedade. É necessário lembrar que ela é uma das peças fundamentais para a existência da vida humana. Nesse sentido, se não houver mulher, como teremos novas gerações, flor, beleza e perfume para alegrarem o nosso mundo caótico?

Viva os nossos estudantes!

Na contemporaneidade, presenciamos e ouvimos o discurso de que os jovens estão sem perspectiva para vida, pois não querem estudar, trabalhar. Tal visão deve-se, talvez, ao fato de eles acreditarem no imediato e assim viverem como os arcadistas o “carpe diem”.

Sou favorável ao pensamento de que a nossa juventude está carente de oportunidades, visto que a família, a escola, a igreja etc. esquecem que os adolescentes são capazes de transformar seus sonhos em realidade, mas é necessário ter um espaço que oportunize esse fato. Com isso, os nossos jovens irão ser vistos como seres ativos e não como eternas crianças ou incapazes.

Nesse sentido, é preciso oportunizar. Sem ter essa opção, o jovem ficará vulnerável ao mundo da desilusão, da falta de capacidade, distanciando-se da concretização dos seus sonhos. A vida passa a não ter sentido algum, pois são os objetivos que desejamos alcançar, na breve passagem terrestre, que movem o nosso desejo de viver. Então, deixemos o discurso de que os adolescentes não têm perspectiva de vida e busquemos inseri-los em um mundo de oportunidades reais.

Hoje, quero parabenizar a todos os estudantes do nosso país e, de modo especial, a todos os meus alunos e ex-alunos.

Professor: respeito e valor

Professor, peça essencial na construção de uma sociedade, mas que há algum tempo vem sendo excluído/menosprezado socialmente. Já houve uma época em que ser professor era uma das profissões mais respeitadas da nossa sociedade, distante da realidade dos dias de hoje.

Recentemente, questionei alguns alunos do Ensino Médio sobre a possível carreira profissional que eles desejariam seguir após a conclusão dos estudos. Não tomei como surpresa as respostas advindas deles, principalmente no tocante à profissão de professor. Menos de 3% afirmou a pretensão de ser professor. Caso essa estatística venha a se confirmar e a cada ano aumente, teremos, num futuro próximo, a extinção dessa profissão. O que fazer? Será que seremos extintos? Por que isso acontece?

Bom, algo é visível diante de toda essa situação. Os jovens não são atraídos para o magistério por conta da desvalorização salarial imposta pelos governantes brasileiros, da alta jornada de trabalho, da falta de auxílio das famílias dos estudantes, da estrutura física dos locais de trabalho sem condições dignas, da violência contra o professor, gerando um cenário de insegurança. Todas essas ações distanciam os jovens de uma profissão mágica que deveria ser vislumbrada e apresentada ao cidadão como um poema é apresentado ao poeta.

Diante disso, os vitoriosos professores do nosso país a cada dia tentam mostrar aos cidadãos a necessidade de frequentarem o espaço escolar para se tornarem bons críticos e lograrem êxito na sociedade. Muitos professores ainda confiam no caminho da educação para transformar a sociedade. É um sonho, às vezes, utópico, mas real aos olhos de muitos brasileiros que tiveram sucesso após passarem pelos bancos escolares e terem professores que realmente podem ser chamados de educadores.

Assim, nobres colegas de profissão, busquemos atrair os jovens para a nossa labuta através das nossas ações, de ensinamentos e de reflexos que diretamente interferem e fazem mudanças na vida de muitos garotos e garotas discípulos nossos. Muitos precisam do básico, ou seja, do elementar para pensar em um futuro melhor para sua família. Não podemos silenciá-los e nem sermos silenciados. Precisamos deixar ecoar essas vozes marginalizadas, excluídas, desrespeitadas, controladas e discriminadas, porém capazes de ecoarem uma esperança de transformação e de busca por uma liberdade.

Desta feita, não irei terminar este texto desejando um feliz Dia do Professor, mas pedindo a cada leitor que valorize o professor brasileiro e não deixe a polícia, os governantes, a mídia etc. silenciarem esse sujeito responsável por uma verdadeira mudança social, porque "é na sala de aula que se faz um cidadão".

Egoísmo cortante

No ímpeto do sentimento de esperteza, o homem, ser racional, golpeia o seu amanhã, acreditando que no agora ele terá boas vantagens. Essa atitude consciente, ou inconsciente, e desastrosa colabora com a construção de um panorama ilusório, capaz de cegar o sujeito praticamente e aquele que é cooptado, abusado. Talvez nunca percebam o estrago causado, mas sentirão as consequências sociais em face de um egoísmo cortante.

O dito popular "o amanhã a Deus pertence" outorga os sujeitos a não pensarem de modo coletivo e humano sobre o dia posterior porque Deus é apenas uma prerrogativa para justificar o ato culposo deles. Tal fato é concretizado através de ações que golpeiam o meio ambiente, como desmatamento e uso de agrotóxicos, como também a comercialização do ato democrático, o voto.

Condicionar o amanhã a Deus é esconder-se atrás do Onipotente para não ser visto como culpado, lavando as mãos perante os seus. Mãos cobertas de sangue que não salva vidas, mas que as aniquila.

Ao chegarmos ao ano de 2050, já não desfrutaremos de uma vegetação viçosa, de frutos saborosos, de solo fértil, de água doce, de fauna diversificada, de ar puro, de democracia, ou seja, de um equilíbrio entre o homem e a natureza e de uma cidadania constituída por homens humanos, compostos por uma relação de alteridade capaz de solidificar uma sociedade justa e humanizada.

Talvez, se preservássemos a essência dos primatas, saberíamos como o homem não consegue existir sem a natureza. Acredito, caro leitor, que essa percepção será muito tardia. É preciso que o corte fira a estrutura humana para ela ter consciência da cegueira.

Talvez, se seguíssemos os ensinamentos de Cristo, olharíamos o

outro como a nós mesmos. Mas de frente a um espelho ou diante de um semelhante, não enxergamos nossa essência porque a ganância já a consumiu. Assim, colocamos a dignidade no balcão do mercado. Não importa o resultado, mas o valor que será dado pelos abutres que veem a carniça exposta. Não haverá odor, apenas dor.

Tela do amanhã

Ao debruçar meu olhar para a tela do amanhã, vejo-me tão vazio quanto o prato que acabou de ser posto à mesa, mas não havia comida para preenchê-lo. Talvez, caro leitor, a fome que devora cada um de nós não esteja ligada à escassez dos alimentos e sim à falta do amor ao outro.

Ao observar o nosso comportamento, percebo que percorremos léguas para nos distanciarmos do nosso semelhante. Tal ato não nos faz mais humanos e nem tampouco heróis. Ele nos desintegra da nossa essência como o açougueiro ao desossar a carne para que ela não tenha nenhuma ligação com a estrutura esquelética do animal abatido. Assim, vamos nos desintegrando do nosso convívio, sendo guiados por um pensamento tortuoso e doloroso.

Ao doer, não sentiremos porque o olhar de avestruz e o peito de pedra se incumbirão de desviar a atenção. Essa incumbência deve-se à metamorfose kafkiana futurista.

Ao escolher as aquarelas para a tela que irei criar, convidarei você, leitor, a reavivar a minha esperança para que possamos entre quatro mãos e dois pensamentos integrar nossos eus, fortalecer nossos laços e redescobrir a essência que nos faz humanos. “Porque era ele, porque era eu”, como afirmou Montaigne, e eu digo “porque seremos nós”, responsáveis pelo olhar vivo, pelo sorriso cativante, pelo abraço acolhedor e pelo amor pulsante.

O pulso não parará de pulsar enquanto existir o entrelaçamento do nós.

A pluralidade da existência

A caminhada da existência requer esforços e olhares transformadores, mas muitas das vezes o ser humano se depara com a impossibilidade de ser imutável. Tal fato deve-se ao conservadorismo demasiado que está nas entranhas sociais, e rompê-lo é assinar o veredicto da indiferença.

Por que não ser diferente, já que ninguém é igual? Por que tamanha punição para aqueles/as que rompem a normalidade?

É, nobre leitor/a, enquanto novelas, filmes, séries apresentam um mundo ficcional que destoa da realidade diária do convívio existencial, muitos semelhantes estão trancafiados em um quarto sombrio, impossibilitados de receber o reflexo de uma luz. A caverna de Platão continua sem apontar uma saída. Enquanto isso, o definhar humano vai se aprofundando.

Já é notório o não gozo da liberdade, porque esta é uma mera utopia e apenas está nas escritas de Vinicius de Morais e em alguns versículos bíblicos. Haveria liberdade se as diferenças fossem respeitadas e se todos vivessem sem alguma punição.

Quando o diferente, porém igual diante da lei e do olhar do verdadeiro Deus, atravessa as ruas, e os olhares vigilantes e punitivos, destacados por Michel Foucault, acompanham seus passos para repreender a firmeza, a sensibilidade, o espaço, a agilidade e a conquista do objetivo, a repreensão é em nome da ignorância e da falta de empatia com o próximo.

Pensamentos surgem, e com eles vêm diversas indagações, mas há uma que o/a guerreiro/a, consciente dos seus sentimentos e da luta social, faz constantemente: será que foi um deus cruel que me arremessou na vida e me marcou com o sinal da maldição? Nenhum deus lançaria

sua criação aos lobos ferozes, submetidos a uma não sensibilidade. O que se presencia é a incompreensão do ato de amar ao próximo e a si mesmo.

Os imorais vagam pelas vielas em busca de uma vítima. Eles parecem estar sem ar, sem Deus, sem fé, sem amor. A harmonia entre os seres iguais incomoda-os, porque o entrelaçar-se desses seres rompe com o paradigma imposto por um contrato social falecido e enaltece a essência do amor humano, que não está atrelado a dogmas, mas ao sentimento que cada homem e cada mulher traz consigo na caminhada da existência plural e diversificada.

Cabe a mim e a você, leitor/a, criar um laço harmonizante, atemporal e constante para que os seres, ora diferentes, sejam vistos como iguais em sua plenitude.

Arte:
um campo de esperança

O sol desponta no horizonte. O prato permanece vazio na mesa. A carteira está à espera de uma cédula. A barriga grita, mas ninguém ouve, apenas o seu dono sente a ausência constante de algo que possa preenchê-la. Do outro lado, quem comanda é a abundância.

Essa dicotomia conduz o jovem Eurico a um dilema que o dilacera a cada nascer da estrela-mãe, pois viver em uma linha tênue possibilita o desenvolvimento de uma ansiedade. Sente o aroma que advém da fervura das panelas, mas não sente o sabor dos alimentos cozidos porque ele convive ao lado da margem. Uma margem estigmatizada devido a uma herança colonial de exclusão e retirada de cultura.

Mas Eurico resiste a todos e a todas as injustiças através da arte. É ela que acalma o coração dele e distrai sua mente para não se lembrar do mal que corrói o mais íntimo do ser.

Misturar as cores, criar o tom certo para a imagem ser representada e testar, testar, testar são caminhos que renovam os sonhos do jovem artista por acreditar que a arte é a plenitude da nossa existência e a ruptura dos paradigmas. Seguindo seus objetivos, adentra a Escola de Belas Artes do Estado da Bahia e se torna um pintor de grande referência em seu país.

Em uma tela em branco, ele pinta madonas, talvez seja uma súplica a Nossa Senhora para que ela intervenha e mude o cenário em que diversas famílias brasileiras vivem dia após dia. Na outra, lança o pincel para registrar uma de suas marcas, os “cabeça-chatas”. São meninos e meninas que têm a cabeça achatada e trazem consigo a marca da desigualdade social existente em nosso país. Tal cenário dialoga com o cotidiano do recém-artista.

Assim, a arte faz uma denúncia social que é necessária a todo ins-

tante porque através dela é possível haver novas leituras, e o esperançar freiriano se manifesta no fazer artístico, possibilitando que o amanhã seja menos desigual e mais inclusivo. Sabemos que é necessário haver políticas públicas que possam abraçar jovens como Eurico através da criação de projetos que oportunizem novos horizontes. A arte é um eterno esperançar.

Homem-vida

Simples! Para vivermos não precisamos de muito, apenas de um toque de simplicidade capaz de unir homens, mulheres, crianças, adultos, jovens em uma só harmonia. É nesse harmonioso aconchego que Pedro, ávido agricultor, semeia a semente da humildade.

Talvez, caro/a leitor/a, você possa imaginar que essa semente seja utópica, mas as mãos calejadas da labuta diária traduzem a caminhada árdua de um jovem que se tornou um ancião de 110 anos, guardião de memórias.

Quando criança, via seus pais na lida do campo e assim foi crescendo, esperançando seus dias à medida que a flor do algodão brotava. Este era o produto agrícola que trazia o sustento para a sua casa.

O branqueamento da plantação se misturava com a negritude do homem-herói, mostrando como a diversidade das cores torna os dias ainda mais coloridos e desconstruindo a ideia de que a cor preta é algo negativo; pelo contrário, o preto é a cor que realça a cor clara. Isso Pedro sabe como ninguém.

Ele sempre foi atento aos seus, pois constituiu família com a senhora Lili, e viveram alguns anos, mas tão breve a partida de sua companheira o deixou ao lado de seus filhos, fruto do entrelaçamento de dois jovens que desafiaram a vida e se uniram regados ao amor.

O amor, leitor/a, é a mola mestra da nossa trajetória; sem ele somos nau sem bússola, chapéu sem cabeça, pele sem carne, escritor sem leitor.

A força do amor rompeu pedras grotescas na caminhada de Pedro, seu coração pulsava lentamente, seu cavalheirismo conquistava qualquer pessoa que o conhecesse, sempr atencioso e honesto. É assim que esse ser humano será sempre lembrado.

Ah, não podia encerrar sem dizer que desde sempre ficou/ficará lembrado como posse de sua amada porque todos passaram a conhecê-lo como Pedro de Lili. Acredito que para ele era uma grande honra ter o seu nome atrelado ao dela. O homem-vida partiu às vésperas de completar 111 anos.

Alegria
Monte-Alegrense

Viver é um ato de alegria. Assim, homens e mulheres profetizam aos quatro cantos do mundo. Esse profetizar verseja pelas ruas e estradas do pacato município situado no Alto Sertão sergipano, Monte Alegre de Sergipe. Há muito tempo, os seus primeiros habitantes conseguiram plantar em seu solo a semente da alegria, logo o fruto brotou, e a colheita é feita a todo instante, através do olhar, do sorriso e do abraço acolhedor de seus filhos e suas filhas.

Esse acolhimento impulsionou a criação da centenária feira livre, lugar rico de aromas e sabores. Aromas que adentram as correntes nasais, mexendo com o comportamento de cada cidadão/cidadã, mas esses diversos cheiros estimulam o desejo de degustar as variedades de frutas, verduras, carnes e comidas comercializadas nesse espaço plural.

A pluralidade é uma das características da história e da cultura desse lugar. Quando, caro(a) leitor(a), nos debruçamos sobre os escritos da professora Valdete Alves, percebemos como a história é alicerçada e atravessada por vozes representativas que elevaram as veredas do então povoado de Nossa Senhora da Glória à categoria de cidade em 1953.

Quanto à cultura, acompanhamos os passos dos(as) fiéis nas procissões e novenas em homenagem a algum santo, ouvindo o ritmo dos pífanos do grupo São José, uma tradição que passa de pai para filho. Ainda pegamos uma carona na garupa do cavalo alazão para desbravarmos a vegetação fechada em busca da novilha que saiu em disparada. Pisamos com a firmeza da Quadrilha Forró Alegre. Dançamos na batida da zabumba em uma praça transbordada de alegria, corroborando a festividade mais expressiva, que é o Forró Alegre.

Mas não podemos nos esquecer da lenda João Valentim e nem tampouco do Pastoril. Essas manifestações culturais demonstram o

quanto esse lugar tem muito a nos dizer e ensinar, porque é preciso conhecer para reconhecer a importância da história e da cultura do lugar onde moramos. Assim, construímos um sentimento de pertencimento e começamos a valorizar e preservar as memórias literárias, culturais e afetivas.